

CORPOS MONSTRUOSOS NO ROMANCE “BOM-CRIOULO”

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UENF)

jacapili.jl@gmail.com

Simony Ricci Coelho (UNIGRANRIO e UNIG)

jacapili.jl@gmail.com

Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte (FacMais e Unialfa)

prof.tico@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir os corpos monstruosos – conforme Ferreira e Hamlin (2010) – no romance “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha, principalmente, no que diz respeito aos corpos negros. Para tanto, iniciamos o texto abordando o Naturalismo brasileiro, para, em seguida, apresentarmos uma breve contextualização do momento histórico que o Brasil atravessava no final do século XIX, quando o livro foi publicado e de que forma esse contexto e as teorias de racismo científico – notadamente as teses de branqueamento – estão relacionados à estruturação do livro. Por fim, passamos à análise dos corpos que não importam na obra em questão.

Palavras-chave:

Corpo. Monstruosidade. Racismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss the monstrous bodies – according to Ferreira and Hamlin (2010) – in the novel “Bom-Crioulo”, by Adolfo Caminha, mainly regarding black bodies. To this end, we begin the text by addressing Brazilian Naturalism, and then we present a brief contextualization of the historical moment that Brazil was going through at the end of the 19th century, when the book was published and how this context and the theories of scientific racism – not ably the whitening theses – are related to the structuring of the book. Finally, we move on to the analysis of bodies that do not matter in the work in question.

Keywords:

Body. Monstruosity. Racism.

1. Introdução

Muito já se escreveu sobre o romance “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha. Aclamado como a primeira obra literária homoerótica do Brasil e relacionado ao Naturalismo no Brasil, foi publicado em 1895. Parte da crítica ainda hoje o considera inovador, enquanto outra aponta que a

obra reforça uma visão racista do negro e expõe a homossexualidade como doença. “Bom-Crioulo” não deve ser lido com os olhos de hoje. O texto está inserido em um contexto muito diverso do atual.

Entretanto, o racismo, os estereótipos sobre corpos femininos, negros e homossexuais presentes na obra têm continuado ao longo da história, apesar de tantos avanços sociais. Ainda permanecem a intolerância e o preconceito expostos no texto.

O livro conta a história de Amaro, um marinho negro apelidado de “Bom-Crioulo”, que se envolve com o grumete Aleixo, um adolescente de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros. Naquela época, abordar o homoerotismo era, de fato, uma inovação que foi vista como aberração. O papel do negro na sociedade era o de trabalhador braçal. A mulher também era vista como alguém que devia obediência ao homem e qualquer uma que fugisse a esse padrão não tinha uma reputação respeitável. Nem se falava sobre homossexualidade então e, se o faziam, era no campo da saúde, tratando a questão como doença, abominação.

O objetivo deste artigo é falar sobre esses corpos que não importam, para usar como referência o título do livro de Judith Butler (2019), *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo*, principalmente sobre os corpos negros, que eram considerados monstruosos (Cf. FERREIRA; HAMLIN, 2010).

Iniciaremos o texto abordando o Naturalismo brasileiro, para, em seguida, apresentarmos uma breve contextualização do momento histórico que o Brasil atravessava quando “Bom-Crioulo” foi publicado e de que forma esse contexto está relacionado à estruturação do livro. Por fim, passaremos à análise dos corpos monstruosos no romance de Adolfo Caminha.

2. O Naturalismo no Brasil

De acordo com Daniele Ribeiro dos Santos (2007), referindo-se a Darío Villanueva (1997), a escola naturalista europeia assume a existência de uma realidade única que antecederia o texto, e os escritores desta escola procurariam representar esta realidade de maneira detalhista e fiel, através de uma observação aprofundada. A vida cotidiana tornar-se-ia o campo de investigação do escritor, sendo reproduzida como em um espelho.

Segundo Emile Zola (1995):

Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições mudam imediatamente. O romancista inventa ainda mais; inventa um plano, um drama; apenas, é uma ponta de drama, a primeira história surgida, e que a vida cotidiana sempre fornece. Em seguida, na estruturação da obra, isso tem bem pouca importância. Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé criaturas vivas, representando diante dos leitores a comédia humana com a maior naturalidade possível. Todos os esforços do escritor tendem a ocultar o imaginário sob o real. (ZOLA, 1995, p. 24)

E tal tentativa de ocultar o imaginário sob o real também chega ao Brasil. A publicação, em Portugal, de “O primo Basílio”, de Eça de Queirós, em 1878, e de *O romance experimental*, de Emile Zola, em 1880, na França, foram influências fundamentais para o surgimento do Naturalismo brasileiro. Entretanto, como aponta Lucia Miguel Pereira (1988), ao buscar copiar os escritores europeus, os brasileiros acabam deixando de fora de suas obras assuntos fundamentais da época, como as experiências raciais e a relação entre senhores e escravos. Pereira (1988, p. 128) considera que o Naturalismo brasileiro se concentrou em “casos de alcova” e “temperamentos doentios”. Como afirma Santos (2007, p. 30) “à exceção de “O cortiço”, de Aluísio Azevedo, e de “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha, em geral, os livros tratavam de casos de alcova ou de heroínas, cuja marca principal era a histeria”.

Lucia Miguel Pereira (1988) ressalta ainda que, no Brasil, poucas foram as obras que realmente se fixaram no meio. O foco foi sempre o indivíduo em detrimento do ambiente. Estudos de temperamento retratavam uma parcela mínima da sociedade. Além disso, o Naturalismo brasileiro também se deteve no cientificismo, no anticlericalismo e no fatalismo, tratando de temas relacionados à medicina e à biologia, por exemplo.

Porém, a vida íntima e o sexo eram os assuntos que particularmente agradavam os leitores. Nelson Werneck Sodré (1965, p. 137) afirma que o Naturalismo brasileiro: “atacou a fundo, trazendo para a ficção os aspectos recônditos, violentos e orgânicos do amor. O que, antes, era apenas sentimento, passou a ser apenas fisiologia”.

Mas, se agradou ao público de forma expressiva, como confirma Ana Chiara (1996), no que diz respeito aos críticos, a recepção foi bem distinta. Segundo Chiara (1996), a crítica via o Naturalismo brasileiro como uma tendência importada e que, por esse motivo, não representaria verdadeiramente o caráter nacional.

Em relação ao romance “Bom-Crioulo”, a situação não foi diferente. Foi recebido pelos críticos de forma bastante negativa. Segundo Maraísa Faria (2015), o crítico Valentim Magalhães, do jornal A Notícia, de 21 de novembro de 1895, classificou o livro como “podre”, “romance-vômito”, “romance-poia”, “romance-pus”, “quintessência da porcografia”, afirmando que Adolfo Caminha era um “inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral”⁴⁰ (FARIA, 2017, p. 79).

Não apenas a obra foi considerada pervertida como também seu escritor. Muitos questionaram, inclusive, se o romance não seria baseado na própria experiência do autor: “[Os críticos] Magalhães e Veríssimo sugeriram que Bom-Crioulo refletia a experiência pessoal do seu autor” (HOWES, 2005, p. 105).

De fato, como afirma Regina Dalcastagnè (2015), Adolfo Caminha se inspirou em sua experiência como oficial da Marinha brasileira para escrever o livro. Durante o tempo que passou nesta força armada, Caminha pôde observar as relações homossexuais que eram travadas nos navios, principalmente durante os onze meses que viajou pelas Antilhas. Além disso, o autor se considerava um discípulo de Emile Zola (MENDES, 2003) e, por isso, acreditava que era capaz de observar os fatos cientificamente e transpô-los para a ficção, seguindo a tradição dos escritores naturalistas.

Apesar da polêmica – ou provavelmente com a ajuda dela –, “Bom-Crioulo” tornou-se um sucesso editorial, tendo vendido mais que todos os livros que Adolfo Caminha publicou (HOWES, 2005). Talvez o fato de trazer um protagonista negro e homossexual, tão diferente do que se costumava a ver na literatura da época, tenha também despertado a curiosidade do público leitor, como veremos mais adiante.

3. De que Brasil estamos falando

Já apontava Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*, que o romance é uma forma de representação da cultura moderna e uma referência para se pensar a história, mostrando a acuidade de experiências vividas, nas quais a própria narrativa aparece como ligação entre a cultura e o imperialismo. (Cf. SAID, 1995).

Estamos, então, aqui entremeados de História e Literatura. A rea-

⁴⁰ A Notícia, Rio de Janeiro, 21/11/1895, p. 1.

lidade interpretada pela primeira e o exercício imaginário de reconstrução da sociedade, pela segunda. Questões pertinentes ao século XIX, com base nas teorias eugênicas e o modelo de civilidade dispensado neste período, integram o romance “Bom-Crioulo”, de forma a estruturar passagens marcantes para uma sociedade característica e que, como afirmamos anteriormente, embora não contemple os dias atuais, ainda vemos resquícios importantes em pleno século XXI.

Deste modo, as narrativas do passado configuram um tempo e estabelecem uma narrativa histórica entre verdade e ficção, recriando um mundo onde as expectativas de um conhecimento histórico são produzidas como construção de seu tempo.

Lembrando que “Bom-Crioulo” é escrito na última década do século XIX, podemos perceber questões como o “nascimento” do racismo, como o conhecemos. Mais que apenas um romance sobre determinada época, observamos informações de extrema importância para a compreensão da construção social de um modelo de comportamento social que perdura até hoje.

Na segunda metade do século XIX, o processo histórico construído no Brasil é marcado pela influência europeia, imposta como modelo a ser seguido. A cultura eurocêntrica é preponderante no mundo inteiro, tornando-se aqui o padrão que ditava hábitos, costumes e, principalmente, maneiras de pensar. É nesse momento que chegam ao Brasil as teorias de Racismo Científico e, com elas, as teses de branqueamento, que tiveram muita aceitação social.

No início do século XX, são explorados e discutidos temas referentes às relações raciais, culturais e étnicas, advindos dos modelos eugênicos do século XIX (Cf. LIRA, 1999). A formação racial da população brasileira, a influência climática, o modelo etnocentrista afirmavam um saber urbanístico e social no Brasil.

A questão racial incomodava e começava a se tornar um interesse do Estado, que passou a realizar expedições sanitárias, pesquisas e campanhas. A população brasileira branca e patriarcal deveria estar protegida das chamadas “raças nocivas” (LIRA, 1999, p. 49). O tema da racialização passava a ser vinculado à saúde pública. A ideologia da “arianização progressiva” no cenário brasileiro, desenvolvida durante o século XIX, preconizava que, com a imigração europeia, os valores raciais se identificariam com este modelo de arianização.

Cabe ressaltar que o estudo da raça começa em finais do século XIX e se confunde com a questão da ideia de nação, não reduzindo esta última a uma única dimensão, mas a uma consciência que têm seus membros de a ela pertencer (HOBSBAWM, 1990; ANDERSON, 1989). Como, com tantos conceitos atrelados à ideia de nação, passando pelo modelo racial, podemos em fins dos 1800 pensar o Brasil?

Em uma concepção de se entender a Nação representando o progresso, nada mais “atrasado” do que um lugar habitado por “raças inferiores”, construído e povoado por negros e índios (Cf. MONTEIRO *apud* MAIO, 1996). A solução encontrada para o “melhoramento” da raça seria tornar o “outro”, o “mesmo”, com teorias como a do branqueamento, criando o tipo nacional:

A identificação das nações fundamentada na idéia de raça, assim suplantou, ao final do século XIX, o nacionalismo cultural elaborado pelo romantismo, no qual a língua nacional era o elemento fundamental, juntamente com o folclore demarcador das ‘tradições culturais’. (SEYFERT *apud* MAIO, 1996, p. 124)

No entanto, estamos falando de um país escravocrata no qual, até 1850, a escravidão e o problema da grande propriedade se tornavam obstáculos à imigração. O Brasil, “produziria” sua própria raça tentando se constituir como nação, procurando sua originalidade que era sufocada pelo modelo europeu, que ao mesmo tempo o deslumbrava. (SANTIAGO, 1991). Isto é, ainda que imbuídos de uma dominação europeia, o Brasil tentava afirmar sua identidade por meio de resistências culturais que, no final das contas, o aproximava do modelo europeu. Era uma cultura reflexa e, ao mesmo tempo, distinta.

Naquele momento, buscava-se um caráter identitário para o Brasil: identificação com o mundo *versus* singularidade (Cf. MOTA, 1992). Com um tronco racial diverso, o Brasil objetivava a formação de uma raça que representasse a nação, como a dos mestiços, formados pelo cruzamento das três raças: indígena, negra e branca, predominando esta última. Era a proposta da raça “pura” e classificada para o progresso, dentro das ideias de uma superioridade morfológica da raça branca. O brasileiro deveria ser definido, então, pela raça, em que de mestiço, iria passar logo a tender ao branqueamento – não só por motivos biológicos, mas pela própria imigração e o fim da escravidão.

A crença em uma superioridade branca, desde a época da colonização, fez com que os negros não fossem considerados cidadãos. Assim, direitos civis foram negados à enorme parcela da população brasileira es-

cravizada. Antes da abolição, essa situação se aplicava apenas aos escravizados, que não exerciam direitos civis básicos quanto à preservação da sua integridade física, moral ou o direito de ir e vir; em casos extremos, a supressão da sua própria vida, uma vez que a lei os considerava “propriedade do seu senhor” (Cf. CARVALHO, 2002). Após a abolição, a maneira pela qual o negro passa a ser tratado ainda está sob a égide de uma categorização de subalternidade, pois o racismo persiste.

Os negros deixam a senzala e passam à escravização de um trabalho mal remunerado, pouco reconhecido e sem descanso. São apenas mão de obra barata. É o que mostra também o romance “Bom-Crioulo”.

4. Os corpos sem importância em “Bom-Crioulo”

Desde que tiveram contato com corpos negros, no final da Idade Média, por volta do século XV, os europeus julgaram-nos monstruosos, não civilizados. Segundo Ferreira e Hamlin (2010, p. 812), elementos considerados ambíguos – e aí está incluída também a mulher -, ou seja, que fujam ao padrão do homem branco, europeu – constituem uma imagem de alteridade, de monstruosidade. Assim, os autores afirmam que “o monstruoso aparece como o lugar da alteridade por excelência, um lugar que marca a fronteira entre criação e corrupção, ordem e caos, civilização e barbárie”.

Com o início das grandes navegações e o aumento da circulação dos europeus pelo mundo no século XVI, culminando na expansão do capitalismo, os corpos também se tornaram mercadoria. Dessa forma, o que antes era exótico, transformou-se em um objeto, que poderia ser utilizado de várias maneiras: ferramenta de trabalho, reprodução, prazer sexual. Além disso, explicações biológicas no que diz respeito à questão corporal tomam o lugar de julgamentos morais.

Para tanto, são criadas hierarquias de raça e gênero, de forma a “localizar o/a Outro/a do civilizado na base dessas hierarquias”, neutralizando seus poderes (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 813). Entretanto, este/a Outro/a tem um lugar importante, que é justamente o de demarcar a superioridade do homem branco, civilizado:

Como mulher, negro ou monstro, o outro é aquilo que em princípio não deve circular, mas também aquilo que não pode deixar de circular, sob pena de privar o discurso civilizador da oposição que o funda: em sua feiura, desproporção, desordem, o monstro é o outro do civilizado. (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 815)

De acordo com David Friedman (2001 *apud* FERREIRA; HAMLIN, 2010), os primeiros ingleses a viajarem para a África, ficaram aterrorizados com os negros que lá encontraram, principalmente em função de seu órgão sexual: seu pênis parecia mais de um jumento que de um ser humano. Pouco tempo depois, os negros começaram a circular pela Europa como mão de obra escrava e possuidores de “perigosas máquinas de reprodução” (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 821).

Começa a surgir, então, o estereótipo segundo o qual os negros eram animais, que deveriam, no máximo, ser usados como força de trabalho e reprodutora. Eram considerados subservientes e idiotizados. Os dóceis deveriam manter-se assim; os de temperamento violento precisavam ser domados. Era desta forma que eles também eram vistos quando começaram a deslocar-se forçados para as Américas como escravos.

Nesta relação entre o corpo do homem branco civilizador e o corpo do homem negro que “precisa” ser civilizado, estão inscritas relações de poder. Para Judith Butler (2015; 2019), a sociedade é permeada por discursos, constructos culturais e normas regulatórias que normatizam os corpos. Butler (2019) se concentra nas categorias de sexo e gênero, considerando que

[...] as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo no corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, 2019, p. 16)

Ampliando a discussão, podemos afirmar que essas normas regulatórias também constroem outras materialidades, como a superioridade do homem branco em relação ao homem negro, e a do homem em relação à mulher. Como aponta Butler (2019, p. 17), “a reformulação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica de poder” implica que “a matéria dos corpos seja indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação desses efeitos materiais”. Com isso, os corpos que importam seriam os que estão de acordo com as normas de uma sociedade branca, heteronormativa.

Nesse sentido, conjugando o contexto brasileiro do final do século XIX que, como vimos, centrava-se em um branqueamento da raça, e toda a visão estereotipada sobre o negro construída desde que os europeus chegaram à África, esses corpos, além de pertencentes a uma raça considerada inferior, eram também monstruosos.

O livro “Bom-Crioulo” está relacionado a essa forma de ver os

negros. Tem como personagem principal um corpo duplamente desimportante e monstruoso – negro e homossexual. Adolfo Caminha inicia o romance descrevendo o cotidiano de trabalho no navio em que se encontra o “Bom-Crioulo”. Logo nas primeiras páginas, a primeira descrição de um homem negro é apresentada:

[...] surgiu, correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, de olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidéz e subserviência. (CAMINHA, 1995)

Mais adiante, uma cena em que alguns marinheiros são castigados, por diferentes motivos – dois deles por se masturbarem no convés, dando início a uma série de relatos sexuais, como é comum nos livros da escola naturalista – traz, finalmente, o protagonista Amaro:

Seguia-se o terceiro preso, um latagão de negro, muito alto e corpulento figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa, – o Bom-Crioulo na gíria de bordo. (CAMINHA, 1995)

Algumas páginas a seguir, Caminha afirma que o “Bom-Crioulo” tem “um recolhido e traiçoeiro cunho de flexibilidade e destreza felinas”. (CAMINHA, 1995) Dessa forma, as descrições enfatizam características associadas a animais, ressaltando o ponto de vista segundo o qual os negros, não somente seriam uma raça inferior, mas ainda seriam menos que seres humanos, seriam monstros.

O comportamento do protagonista também é apontado como reprovável. “Bom-Crioulo” costumava “chafurdar em bebedeiras”, agindo como louco ou como um bicho descontrolado: “O negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém estava para sofrer uma agressão...” (CAMINHA, 1995)

O narrador revela, então, o motivo pelo qual Amaro fora castigado: um marinheiro de segunda-classe havia maltratado o grumete Aleixo, por quem o protagonista se apaixonara. A partir daí, a questão da homossexualidade passa a ser abordada no romance. “Bom-Crioulo” não era apenas monstruoso por ser negro, mas seu lado animal também se manifestava por meio de sexualidade.

Como tal, é possível afirmar que o personagem era um ser ainda mais desprezível. Segundo Butler (2019, p. 19), “a formação de um sujeito requer identificação com o fantasma normativo do ‘sexo’, e essa iden-

tificação toma lugar mediante um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir”. Assim, “Bom-Crioulo” era duplamente animalesco.

A princípio, a forma pela qual Adolfo Caminha aborda a homossexualidade do grumete Aleixo é comparando-o a uma mulher, um rapaz frágil, ainda imberbe, com uma aparência angelical e inocente. O próprio sentimento de Amaro por Aleixo, inicialmente, é caracterizado como uma estima – “estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro...” (CAMINHA, 1995). Entretanto, ao longo da narrativa, as descrições vão ressaltando o lado monstruoso e doentio do negro.

Antes disso, porém, o narrador retrocede no tempo e conta a história de Amaro, um escravo fugido de uma fazenda que, aos 18 anos, dirigiu-se à Corte em busca de trabalho. Ao chegar ao Rio de Janeiro, conseguiu uma colocação em um navio. No início, “Bom-Crioulo” experimentou a sensação de liberdade, “sentindo-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens” (CAMINHA, 1995). Mesmo dura, a disciplina militar não se comparava ao que tivera que enfrentar na fazenda de onde viera.

Nesse momento, tudo é felicidade. O narrador afirma que no navio não se olhava cor ou raça do marinheiro e que todos eram iguais. No entanto, com o tempo, tal afirmativa vai se revelar uma falácia, já que somente os brancos atingiam os mais altos graus da hierarquia militar.

“Bom-Crioulo” foi bem recebido. Se, inicialmente, causava riso em função de seu jeito “rude”, “selvagem”, com o tempo, todos no navio perceberam que Amaro “dava para gente” (CAMINHA, 1995). Assim, o personagem passa de animal selvagem para animal doméstico. Conforme a narrativa vai se construindo, a monstruosidade começa a adquirir outras nuances, e ele passa a ser um animal feroz. Ele se torna um “pedaço bruto”, “um animal inteiro é o que ele era!” (CAMINHA, 1995).

Nesse momento, o leitor é apresentado ao comandante Albuquerque, um homem branco, que parecia ter mais afeição por homens que por mulheres. Como o próprio Adolfo Caminha pôde constatar por sua experiência como militar da Marinha, a homossexualidade era comum nos navios. Conforme afirma no livro, era “um vício”. Entretanto, este vício era passível de punição – entre os soldados inferiores, é claro. Comandante Albuquerque procurava fazer vista grossa, mas se houvesse flagrante, o castigo eram chibatadas.

A animalidade de Amaro é reforçada na narrativa à medida que ele começa a beber mais e ainda quando se envolve mais profundamente com Aleixo. “Bom-Crioulo” torna-se negligente e beligerante no trabalho. Inventava brigas, não cumpre as tarefas, tira muitas licenças e é internado muitas vezes no hospital por causa dos castigos.

Aleixo torna-se uma obsessão para o protagonista. O desejo de possuí-lo o transtornava – “Bom-Crioulo transfigurava-se de um modo incrível, sentindo ferrear-lhe a carne, como a ponta de um agulhão, como espinhos de urtiga brava, esse desejo veemente – uma sede tantálica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos...” (CAMINHA, 1995) –, despertando ainda mais seu lado animal. Finalmente, o ato sexual é consumado. O narrador afirma: “E consumou-se o delito contra a natureza” (CAMINHA, 1995).

Durante um período, Amaro experimenta momentos de alegria, vivendo com o grumete na pensão da portuguesa Dona Carolina, na rua da Misericórdia, centro do Rio de Janeiro. Torna-se um pouco mais manso. Até os oficiais do navio estranhavam o comportamento. Mas acreditavam que a mudança era passageira, pois como animais, corpos negros oscilam entre a docilidade e a agressividade: “Breve temo-lo aqui, bêbedo e medonho. Sempre o conheci refratário a toda a norma de viver. Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Coisas do caráter africano...” (CAMINHA, 1995)

Adolfo Caminha não apenas parece querer reforçar constantemente a questão racial, mas também busca sempre enfatizar a homossexualidade como doença, que torna “Bom-Crioulo” ainda mais monstruoso:

Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que de balde procurara nas mulheres. Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. (CAMINHA, 1995)

Tratava-se de uma moléstia que atingia a brancos e negros. Ambos praticavam o que Caminha chama de “pederastia”. Porém, esse vício parecia ser muito mais de negros que de brancos: “Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana...” (CAMINHA, 1995). Dessa forma, a natureza negativa do corpo negro é mais uma vez confirmada e ressaltada.

“Bom-Crioulo” se vê cada vez mais enredado em problemas – por sua paixão pelo grumete e pelas demandas crescentes do trabalho. Como não conseguia cumpri-las a contento, era constantemente preso, sentindo-se mais uma vez um escravo: “Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte...” (CAMINHA, 1995).

Ao mesmo tempo, Aleixo que, a princípio, cedera aos caprichos do protagonista, tornava-se cada vez mais insatisfeito. Não queria mais atender os “caprichos libertinos” de Amaro, cuja progressão da “doença” parecia torná-lo cada vez mais monstruoso:

Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher à-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 1995)

Naquela época, mostrar e querer ver o corpo nu de um homem era uma espécie de perversão, uma afronta. Amaro fica extasiado com o corpo de Aleixo, que se assemelha ao de uma mulher. É interessante notar que, enquanto o grumete é um menino com ares virginais que cede aos desejos do animalesco Amaro, seu corpo é comparado ao de uma mulher. Posteriormente, quando o protagonista tem que se afastar do grumete e este se envolve com a dona da pensão onde vivem, a portuguesa Dona Carolina, seu corpo vai se masculinizando. O corpo branco de Aleixo, mesmo quando se relaciona com “Bom-Crioulo”, nunca é animalizado ou comparado ao de uma besta. De fato, para Caminha, assim como para a sociedade da época, o corpo negro é o corpo monstruoso, mais passível de ser afetado moléstias como a pederastia.

Um dia, Amaro recebe a notícia de sua transferência para outro navio, onde acaba trabalhando muito mais e tendo menos folgas. Com isso, suas idas à pensão da rua da Misericórdia se tornam cada vez mais espaçadas. A saudade de Aleixo o consome...

Carolina, a dona da pensão, se aproveita da situação e se aproxima do grumete. Assim como “Bom-Crioulo”, a portuguesa é descrita como um corpo sem importância. A personagem fora prostituta e, por ser “gorducha”, a chamavam de “Carola Bunda” (CAMINHA, 1995). Segundo o narrador, ela tem carnes exuberantes, pernas muito gordas, penugentas.

A portuguesa, enfim, seduz o grumete: “começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, tor-

pemente, como um animal”. Mais adiante, a personagem é comparada a uma vaca: “aparecia-lhe agora como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...” (CAMINHA, 1995). Assim como “Bom-Crioulo”, o corpo de Carolina se contrapõe a uma instância humana; sua animalidade é ressaltada, inserindo-o também na categoria de monstro, de corpo sem importância.

Com o tempo, a masculinidade de Aleixo aflora, e ele se encanta pela exuberância da portuguesa. A seus olhos, Amaro tornara-se um animal abjeto, que deveria ser evitado a todo custo:

Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de o suportar com os seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. (CAMINHA, 1995)

Enquanto isso, sem poder sair do navio, “Bom-Crioulo” definha. Embreaga-se com maior constância, se mete em confusão. É tachado como bêbado e pederasta e acaba sofrendo duros castigos por seu comportamento que o levam ao hospital, onde fica internado durante meses. Lá, além das feridas que nunca cicatrizam, sarnas tomam conta do seu corpo, reforçando, mais uma vez, sua animalidade.

Sentindo-se muito só e dominado pela saudade, ele consegue enviar um bilhete para Aleixo. A portuguesa o recebe, mas joga fora. Se antes a personagem o via com simpatia e até com amizade, agora Amaro era um “Grandessíssimo pederasta! Nunca supusera que uma paixão amorosa de homem a homem fosse tão duradoura, tão persistente! E logo um negro, Senhor Bom-Jesus, logo um crioulo imoral e repugnante daqueles!” (CAMINHA, 1995). A alusão ao negro como raça inferior e monstruosa é enfatizada: “(...) negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer...”.

Finalmente, “Bom-Crioulo” recebe notícias de Aleixo por meio de um antigo colega de Marinha. Ele lhe diz que o grumete vivia amigado com Dona Carolina. “Bom-Crioulo” se desespera com a notícia, decide fugir do hospital e ir atrás do grumete. Quando o encontra, tomado de cólera, o aperta, o sacode e, em seguida, o esfaqueia.

A morte de Aleixo provoca uma comoção na rua: “Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de

ver, uma irresistível atração, uma ânsia!” Ninguém se importou com o “Bom-Crioulo”, pois queriam apenas ““ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...”” (CAMINHA, 1995).

5. *Considerações finais*

No final do romance, “Bom-Crioulo” não sofre qualquer tipo de punição. Não é preso nem morto pela polícia ou pela multidão que se juntara para ver o cadáver de Aleixo. Ele apenas sai de cena triste e desolado, como um animal que, por algum motivo, atacara seu dono – “Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã” (CAMINHA, 1995) A preocupação de todos é o corpo branco e seu sangue se misturando aos cabelos loiros.

O desfecho da narrativa fortalece a visão do negro como sub-raça, como corpo animalesco que, como vimos, vai sendo construída e enfatizada ao longo da história. Corpos que não importam, corpos desprezíveis e descartáveis. Corpos que até hoje são cruelmente atacados.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (LOBATO, 2019) mostram que a taxa de homicídio de pretos ou pardos é três vezes maior que a de brancos.

Como vimos, a maneira pela qual o corpo negro é enxergado é uma concepção que veio sendo construída desde o primeiro contato com os europeus. “Bom-Crioulo” é um reflexo deste ponto de vista etnocêntrico, racista e eugenista. Parte da crítica considera o romance como uma espécie de denúncia, mas fato é que os temas abordados por Adolfo Caminha ainda permeiam a nossa sociedade, assombrando-a com o preconceito e a intolerância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo, subversão e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *Corpos que importam – Os limites discursivos do sexo*. São

Paulo: Crocodilo, 2019.

CAMINHA, Alfredo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1995. Texto proveniente de: Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHIARA, Ana Cristina. *Leituras malvadas*. Orientador: Heidrun Krieger Olinto. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. 230 p.

DALCASTAGNÈ, Regina. Retrato sem parede: o *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 24, p. 147-59, jul./dez. 2015.

FARIA, Maraísa. A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. *Solettras – Revista do Departamento de Letras da FFP/ UERJ*, n. 30, p. 72-89, jul.-dez., 2015.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. *Estudos Feministas*, 18(3), p. 881-336, Florianópolis, setembro-dezembro/2010.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha. *Graphos – Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*, v. 7, n. 2/1, p. 171-90, João Pessoa, 2005.

LIRA, José Tavares correia de. O Urbanismo e o seu Outro: Raça, Cultura e Cidade no Brasil (1920-1945). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, n. 1. Maio, 1999.

LOBATO, Flavia. *Violência contra negros no Brasil: pesquisas mostram que desigualdade racial é letal*. 19 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fiocruz.br/pt-br/content/viol%C3%Aancia-contra-negros-no-brasil-pesquisas-mostram-que-desigualdade-racial-%C3%A9-letal> Acesso em: 8 nov. 2020.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Silvio Romero: uma “imagem nervosa” do Brasil*: Dissertação (Mestrado em Letras), Rio de Janeiro UFRJ/IFCS, 1992.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. Oswald de Andrade Ou: Elogio da Tolerância Étnica. In: *Segundo Congresso Abralic*: Belo Horizonte, 1991.

SANTOS, Daniele Ribeiro dos. *Do realismo sujo ao realismo vazio*: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 192 f.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

VILLANUEVA, Darío. *Theories of literary realism*. Nova York: State University of New York Press, 1997.

ZOLA, Emile. *Do romance*. São Paulo: Edusp / Imaginário, 1995.